

O LIBERAL.

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR.—Gaspar Augusto d'Oliveira Faria Basto.

PUBLICA-SE A'S QUINTAS FEIRAS.

NUMERO 5.

Assignatura para Braga, anno.....1/600 rs.
" " " as provincias.....1/840 rs.
Escritorio da redacção rua Nova, n.º 45,
onde se recebem todos os annuncios e corres-
pondencias.

QUINTA FEIRA 10 DE OUTUBRO.

Annuncios e communicados, por linha. . . 20 rs.
Repetições 10 " "
Folha avulso.....30 " "
Publicações litterarias 2 exemplares.
Assignaturas pagas adiantadas.

ANNO, 1872

AINDA O FUTURO.

O miseravel papelucho que, para eterna vergonha do partido miguelino, se publica n'esta cidade; o discipulo humilde e obediente do infante perjuro que se ostenta impudentemente no Capitolio das vociferações estupidas e malcredadas; o *Futuro*, athleta decahido, periodico redigido por clerigos que menospresam, com incrível cynismo, o seu divino e balsamico mister para se entregarem, d'alma e coração, á politica absolutista do infante D. Miguel, que tão infames e dolorosas recordações deixou nas paginas fulgurantissimas da historia; o *Futuro*, repetimos, tem guardado um silencio profundissimo perante todas as insinuações que o «Liberal» lhe tem lançado ás impendernidas faces, e, pelos modos, parece resolvido a continuar sempre no mesmo estado!

Aquillo bem se vê que é calcario que nada abala.

O cedro que, com soberba magestade, se eleva no Libano inclina, quando passa o tufão, o collo altivo; mas o *Futuro* é rocha que nenhum vento abala, rocha que se eleva no centro d'esta progressista cidade como que bradando aos viandantes: ó tu, que passas, vai dizer á Nação que eu, penedo ou rocha, sou o symbolo do partido miguelista!

Se o *Futuro* ao menos nos dis-

sesse, em linguagem sisuda e logica, a razão porque defende os seus principios, vá; elle, porem, agarra-se á fimbria da thiara do venerando velho, que occupa actualmente o throno pontificio, defende, com unhas e dentes, os padres, que andam, de trabuco em punho, atraz do D. Carlos e, verdade verdade, não faz mais nada, em nada mais se occupa.

Diga-nos o *Futuro*: que direitos tem o infante D. Miguel ao throno portuguez?

E' ou não verdade que elle prestou juramento ao senhor D. Pedro IV e á Carta Constitucional, na qualidade de subdito portuguez?

E' ou não verdade que o infante D. Miguel, solicitou do senhor D. Pedro o cargo de regente do reino?

E' ou não verdade que esse mau irmão, jurou entregar a corôa á senhora D. Maria II, logo que chegasse a epocha da sua maioridade?

E' ou não verdade que abusou da auctoridade, que lhe haviam confiado, convocando, illegal e illusivamente, os tres estados do reino?

E' ou não verdade que o regente D. Miguel escreveu, por diversas vezes, a seu augusto irmão, manifestando-lhe o seu profundo respeito como irmão muito amado e subdito obediente?

Sendo isto verdade, como se pode verificar pelas paginas da historia contemporanea, diga-nos o *Futuro*,

com a mão sobre a consciencia: que principios são os seus? que tem? que lhe doe?

Tem que a religião vacille e tombe do pedestal ingente?

Socegue s. exc.^a: a religião christã tem por alicerces a Omnipotencia e, por consequente, não cahirá.

Ha-de cabir o *Futuro* á força de se *marnocotisar*; ha-de cabir a Nação quando o ultimo alento lhe faltar (o penultimo já de ha muito que desamparou a pobresinha); ha-de cabir o *Bem Publico* e de mais laçaios; mas o Christianismo, essa estrella radiosa, que de hora a hora nos apparece revestida de novo brilho, esse sopro divinal do Filho de Maria, o Christianismo não cahirá nunca.

Pode a humanidade esquecer-se d'Elle por momentos, isso pode; e sabe o collega, como? Se o *Futuro* e companheiros continuarem, como até'qui, a mistural-o com a politica, com essa velha inquieta que, afinal de contas, quer apenas servir-se d'elle como se fôra jaleco ou carapuça, e depois, quando se pilhar servida, fazer-lhe um cumprimento jesuitico e viver quasi só.

E tanto isto é verdade que o *Futuro*, cansado já de esperar, não poupa aquelles que, por felicidade, não seguem as suas corrosivas doutrinas.

Para melhor corroborar esta afirmativa leiam, todos que tem clara e desanuviada a vista, a seguinte

quadra publicada no *Futuro* de 19 de Setembro de 1872:

Com Rei Ladrão fraternisam
Outros Reis e Imperadores;
O roubo assim canonisam
Esses Augustos Senhores!

A ha-de a gente lêr isto a sangue frio, sem ao menos pedir ao snr. delegado do Procurador Regio, que mande assentar estes mandriões no banco dos réos? Não pode ser.

Que haja tolerancia, de accordo; mas não consintamos que estes maqueadores do mentecapto auctor da *Viagem Extatica* venham, para o campo fulgurante da imprensa, enxovalhar um partido, que lhes arrancou, das infamissimas mãos, o vulto negro da força, que os trouxe da treva para a luz, que lhes transformou o despotismo em liberdade.

Vamos ainda citar, mais uma vez, o poetaastro do dia 19. Ora cante lá o mavioso rouxinol:

Mostrarei, porém, aos olhos
Da juvenil Magestade
Fataes, modernos escolhos
Em que deu a Sociedade.

Senhor, nasceste hoje, ha poucos annos,
Não vistes etc., etc.

Hão-de confessar que esta sociedade é de fina tempera: deu nos escolhos modernos e fataes, deu no

FOLHETIM

ESPURIOS.

Ao seu amigo Paes Villas-boas.

C. VIANNA.

(Continuado do n.º 4).

II.

Com a presença d'estes dous personagens mudaram as scenas.

Georgeta, ao fixar o seu limpido olhar em Jorge, turbou-se um pouco; Julio veio mui vagarosamente apertar a mão a Castanheda sem murmurar uma unica palavra, e o resto da sociedade, rompendo n'uma algazarra infernal, incommodava os recém-chegados com mille e perguntas.

Bem vindo seja o nosso D. Juan! gritou uma voz rouquenha.

Então que contas, ó Castanheda?

Não sabeis? A Henriqueta fez ablativo de viagem... Isto não quer dizer que fosse para o mundo das lendas mysteriosas e incorporeas: partiu simplesmente para a Russia, onde a espera um senhor feudal, rico como qualquer mina da California, e que sabe castigar qualquer gesto equivoco com o classico knout a ponto de, como aconteceu a Cesar, fazer beijar a terra ao paciente.

Enganas-te, Manfredo, contestou outra voz, enganas-te: esse nababo feudal é já um pouco liberal... tão liberal que, ha pouco tempo, atirou com o vocabulo de Cambonne as faces poderosas do czar.

Ora adeus... digo-te que o fidalgo russo é um biltre despotico como qualquer inquisidor.

Faltas á verdade, Manfredo.

Estarás tu doído, Lara?

Eu?

Basta, meus senhores, basta! bradaram Jorge e Castanheda. Nada de questões, vamos á beber um calix d'aquelle Porto que além sorri desdenhoso.

E a *petit coterie*, aproximando-se da meza, cumpriu á risca o pedido dos dous amigos.

O' Georgeta, perguntou Jorge, porque não cantas?

Gostas de ouvir-me, Jorge?

Se gosto, Georgeta!

Que queres que eu cante?

Tudo, tudo excepto o...comprehendeste?

Perfeitamente; mas isso mesmo vou en cantar.

O' não cantes, mulher, não cantes... não vez como eu estou pallido? não vez como é desesperador o sorriso que me baila nos labios? Oh! não cantes isso mulher, não cantes...

Peço-te eu que cantes, Georgeta, disse Castanheda.

Jorge fitou em Castanheda um olhar

colerico, encostou-se depois á meza, e vociferou surdamente:

Canta Phrynéa, canta Marion.

E Georgeta assim começou:

É o bardo que narra a sua historia:

« Era por tarde formosa...

« As auras, suspirando endeixas, passavam e perpassavam por entre as florinhas que, sorrindo se, trocavam com ellas seus suaves perfumes;—

« a cachoeira d'alem deixava ouvir o seu profundo soluçar;

« o coração da minh'alma (n'esse tempo tinha est'alma coração) palpitava ora tranquilla ora inquietamente;

« as palpebras, cedendo a uma força ignota, cerravam-se apesar meu, e a minha pobre mente voava, doída e melancolicamente, pelos mundos do scimar!..

« Foi longo esse meditar...longo como a profundez de noite escura! longo como um grito de agonia repercutindo-se de floresta em floresta!

« Em que scismei eu? Que mundos ignotos se estamparam na retina da minh'alma? Nunca o soube.

« Como eu fiquei surpreso ao abrir os olhos!..

« Já não suspiravam auras, já não brilhava o sol... apenas a cachoeira soluçava mais forte, e o coração me batia inquieto, como se fôra virgem tímida tomando o osculo purissimo de alguma flôr, que branda oressa lançou-lhe as roseas faces, por o toque profano de um insolente.

« Que tristeza infinda! O' Stephen! O' Werther!..

« Ao longe a cachoeira entoando psalmos de prazer ou goso! aqui esta viscera, séde da circulação, reprehendendo, talvez, a minha cabeça!

« Ao longe a cachoeira bradando ás campinas: é minha a verdura que vos veste, são meus estes campos, estes vergeis, estas balsas por onde eu passo, corro e vôo com magestade igual á do raio, quando vence o espaço!

« Aqui este coração murmurando: que pequeno ambito! não me ser dado o correr e voar como as aguas da cachoeira!..

« E eu a sorrir-me em meio de tudo isto, como ainda agora me sorrio.

« Se o meu coração não vôa mais do que a agua, mais do que o raio, mais do que a aguia?!

« Como é bello e suave o som d'aquella voz, que descanta acolá!

« Que Magdalena ou Carlota suspirará a taes horas?

« Mas aquella voz, aquella trino, aquella doce murmurio, extasia-me!

« Mas aquella voz melancolica como um verso de Lamartine, aquella voz mais langorosa que o suspirar da cachoeira, aquella voz fina e suave como a tecla de um piano, aquella voz, aquelle trino, aquella murmurio é de uma mulher, de um ser que nasceu para amar, de um coração que ha-de comprehender o meu!

(Continúa).

Senhor, nasceste hoje, ha poucos annos, mas, em boa hora se diga, ainda não quebrou!... Isto é que se pode chamar: sociedade de bronze! Nem quebra, nem torce.

O' reaccionario do Futuro, se tu mostrasses ao teu principe o craneo sem miolos, mais bem avisado andarias. Pobre principe! como elle havia de rir...

OS JESUITAS.

II.

Venerandos discipulos de St.º Ignacio de Loyola, rivaes respeitabilissimos de Lutero e Calvino, loiras e queridas creanças de Leão X, consenti que folheemos as paginas brilhantissimas do passado, e soffrei, com jesuitica resignação que exponhamos, aos olhos do povo, as bellezas seductoras das vossas sacratissimas instituições.

Ouvide, pois, a voz de irmãos vossos, que ha muito repousam no chão do silencio—collocae a mão na consciencia, se puderdes, e murmurae, entre soluços pungentes: é isso mesmo, é isso mesmo.

Diziam elles, os taes bondosos jesuitas:

« Geralmente fallando não é evidente haver sobre a terra alguma Religião, que seja verdadeira. Tambem o não é mais, que entre todas as Religiões a Christã seja a mais verdadeira; nem que os Profetas hajam sido inspirados por Deus; nem que fossem verdadeiros os milagres de Christo». *Os Jesuitas da Universidade de Caen. Nas Conclusões por elles impressas no anno de 1693, nas Proposições 5. 6. 8. 9.*

De maneira que, segundo estes santos varões, isto de religião, seja ella qual fôr, é uma perfeita comedela! Estes ao menos não temem o inferno, nem o purgatorio de S. Patricio...

Tambem, exceptuando o caso do artigo da morte, ninguem é obrigado, e nem ainda pode crer com uma Fé a tudo superior, a Revelação e os Mystérios d'ella. Porque nos não é proposta senão provavelmente, ou (se assim se quer) sómente de uma maneira mais provavel. E como o preceito da fé não obriga, senão quando ella é bastantemente proposta; e como ella o não é, senão quando se faz tão evidente e tão prudentemente crível, que o contrario se não possa crer de alguma maneira: por consequencia, ainda no artigo da morte, o preceito da Fé nos obriga a crermos, senão como podemos e com uma Fé ao menos imperfeita, a Religião, que nos parece mais provavel, não tendo então o tempo necessario para examinarmos a verdade entre tantas Religiões tão differentes.» *Carlos Antonio Cafuedi, na Crisís Theologica, Tom. 2. Disput. 14. Sess. 6. § 2. n. 162. pag. 390, e outros*

« A Fé explicita em Jesus Christo não é necessaria, nem ainda para os mesmos Christãos. Outro tanto é necessario dizer da Trindade, da Incarnação, do Symbolo, e do Decalogo: Um conhecimento confuso da Incarnação, e da Trindade basta para a Absolução. Até bastaria para a salvação haver crido estes Mystérios uma só vez porque é bastante fazer cada qual na sua vida uma vez o Acto de Fé, que é necessario para a salvação.» *Os Jesuitas da Universidade de Caen. Amadeu Guimeno, no seu Tractado de Fé, Proposic. 1 pag. 36. Nicolau Cauffino, na sua Resposta á Accusação intitulado: Theologia Moral dos Jesuitas. Thomaz Tamborino, na sua Explicação do Decalogo, impresso no anno de 1659, Part. 1. Liv. 2.º Cap. 1. n. 2. pag. 5 7. etc. etc.*

Os leitores têm analysado as ex-

cellentes doutrinas, que expozemos com sincera franqueza?

Os Jesuitas, como geralmente se apregoa, eram, e são ainda, homens sabios; a julgar, porém, por o pouquissimo que ahi fica estampado, não nos parece que assim seja, pois que elles revellam, em todas aquellas monstruosidades, uma grande falta de senso, não fallando, já se vê, na perversidade que tanto os distingue.

Para provar-mos até que ponto chegava a lascivia d'estes sustentadores da Moral Aristotelica, vamos apontar mais uma opinião de ss. ex.ªs

« A opposição ruidosa de Suzana aos dous Velhos, que lhe faziam violencia, foi um heroismo de virtude. Ella não era a isso obrigada. E n'este caso ninguem o deve ser, logo que da dita resistencia póde resultar perigo da reputação, ou da vida. Não se deve contudo publicar esta doutrina a toda a sorte de pessoas; attendendo ao abuso que as Gentes humildes não deixarão de fazer d'ella.» *Cornelio A Lápide, nos Commentarios aos quatro Profetas Maiores. João de Dicastilho, Diogo Primo etc. etc.*

Agora que responda o Futuro, esse garoto miseravel que pôr ahi anda pelas praças atirando pedradas aos generosos liberaes.

Que respondam todos esses reaccionarios, choramingas do passado, ao que fielmente trasladamos para—*O Liberal*—a respeito dos homens que infamam as vestes que trajam, dos depravados e indignos sacerdotes do Deus Omnipotente.

De vez em quando occupar-nos-hemos a transcrever para—*O Liberal*—trechos ricos de boas e santas doutrinas.

N. B. N'estas transcripções que fizemos apenas mudamos os caracteres antigos por modernos; no resto não fizemos a mais pequena alteração.

Á PALAVRA.

Assestada aos olhos a lente dioptrica da analyse, e com o escalpello da critica em punho, vamos examinar detidamente o artigo—*Liberdade e liberalismo confundidos*—que, com prégos forjados nas pyras do Santo-Officio, a *Palavra* pendurou das suas columnas.

Quer o seu auctor collar ao rosto do grande partido liberal uma máscara horrenda modelada a seu modo.

Affirma existir n'este paiz duas escolas condemnaveis: uma que pretende tornar inimigos da liberdade os que se confessam filhos da Igreja Catholica, a defendem e lhe obedecem respeitadamente; outra corrompida pelo liberalismo, que sustenta que o verdadeiro liberal não póde ser catholico. Se ha as taes escolas, que o collega inculca, desde já lhe declaramos que de nenhuma d'ellas somos sectarios. Quem disse que o verdadeiro liberal não póde ser catholico? Ainda nos não souo ao ouvido essa blasphemia. E' que talvez o aparelho auricular de ss. s.ªs seja de organização mais perfeita...

Como membros da grande familia constitucional, congregada pelo immortal Dador da Carta, D. Pedro IV, inscrevemos, na nossa fluctuante e immaculada bandeira, essa palavra sublime, que é a synthese de todos os progressos humanos; essa palavra proferida aos homens pela bocca de Jesus, e por cuja ideia nos enovelaremos no fumo das batalhas e exporemos o peito ás balas. Antes morrer amortalhado no estandarte d'uma nação livre, do que viver nos ferros doirados de infame, traiçoeira e intolerante escravidão.

Somos catholicos, e por consequente respeitadores da Igreja e dos seus

ministros; mas quando estes deixam de o ser e despem os seus habitos para vestirem a jaleca do salteador, empunharem o punhal do assassino, sustentarem a taça do veneno, prostituirem os thalamos e leitos virginaes; então alçamos o nosso gladio, e combatemos pelo restabelecimento dos principios moraes e pelo resurgimento do Catholicismo que elles abatem.

Nunca a liberdade foi opposta ao Catholicismo, nem este áquella. O Evangelho, esse livro por excellencia, ensina ao homem os preceitos que elle deve observar durante a sua vida para bem merecer de Deus; mas não lhe impõe esse attentado contra todo o direito—a escravidão! Vós, redactores da *Palavra*, e quejandos, é que pareceis querer virar o gume á espada, e ferir aquelles que tentam levantar a materia esphacelada das vossas pústulas. Sois vós que dizeis que a liberdade é prejudicial, que se não coaduna com os principios do Christianismo, e que os do absolutismo lhe são mais dilectos e frisantes.

Sois infames deturpadores, porque, com interesseira consciencia, daes aos livros sagrados uma interpretação adquada aos vossos fins. Se vós prérgasseis a moral christã, crede que sericis respeitados por todos que professam a religião do Filho de Deus; mas vós desfiguraei-a de maneira tal que nem o Christo a reconheceria.

Dizeis que somos aggressores dos padres e os desconceituamos. Mentis traidoramente. Nós censuramos unicamente aquelles que, menospresando os deveres que o seu estado lhe impõe, em vez de moralisarem os povos, lhes dão, vivendo em publica mancebia, o exemplo da mais escandalosa e livre devassidão!

Como quereis que respeitemos aquelles que levam a vida airada dos libertinos?!

Como quereis que respeitemos os que constituem os lares de nossas familias, em que entram?!

Como quereis que respeitemos todos aquelles que se tornaram vós interesseiros, e, para sacrificarem a Deus, correm aonde lhe dão mais?!

Como quereis que respeitemos os que prérgam uma coisa e praticam outra?!

Como quereis que respeitemos os que se não fazem respeitados nem por suas acções, nem por suas qualidades, nem por suas virtudes?!

Prérgam a moral do Evangelho e são elles proprios os contraventores d'ella!

(Continúa).

OS FILHOS INGRATOS.

A ingratição é um crime, mas tam horrendo que nem sequer os legisladores encontraram pena sufficiente para a sua punição!.. O ingrato esquece os favores que deve a um pae, que se sacrificou por seu respeito, que soffreu mil privações e lutou com immensas difficuldades para lhe dar uma posição decente na sociedade! esquece a mãe que o acalentou em seu seio, e o amigo fiel e dedicado que o protegeu, aconselhou prudentemente e concorreu para o seu bem estar. Esquece tudo aquillo de que já não depende; despreza-o e repele-o para longe de si como receioso do seu contacto venenoso!.. Assim fazem os Brasileiros!.. Filhos degenerados, almas vis e mesquinhas, escravos da sua estúpida indolencia, esquecem a sua honrada progenitudo, maldizem-na, e atrevem-se a insultar os seus co-irmãos, chamando-lhes aventureiros insolentes, e isto por elles, laboriosos como são, irem, n'essas terras, que outr'ora foram suas,

procurar fortuna pelo trabalho honrado.

Que seria do Brazil, d'esse territorio immenso, se não fossem os milhares de braços, fortes e laboriosos, que, continuamente, lhes vão de Portugal?! Estacionaria o commercio e o desenvolvimento agricola, porque esses filhos do Brazil, propriamente ditos, são no geral indolentes e pouco amigos do trabalho.

Na ultima guerra do Brazil com o Paraguay, guerra sanguinolenta e duradoura que teve constantemente n'um panico a propria capital d'esse vasto Imperio, quem eram os soldados mais aguerridos, valentes e subordinados que se viam nas filas Brasileiras, defendendo o seu estandarte e lutando como leões contra os ferozes inimigos?!

Respondam os proprios Brasileiros conscienciosamente e dirão:— os Portuguezes.— Muitos se tornaram celebres e dignos d'admiração pelo seu denodo, e pelo muito que valeram a uma terra de ingratos; mas seus nomes ficaram esquecidos, e a gloria que lhes pertencia foi cobardemente usurpada. Mas não importa; todos sabem quem são os Portuguezes, e o que sempre foram, e quem são os Brasileiros e o que valem... Mas não zombem, não escarneçam, nem deprimam o homem que lhes vai offerecer seus braços para o trabalho, arduo sim, mas honrado; não chamem aventureiro insolente ao homem que, humilde, lhes pede em que ganhar o pão quotidiano, com probidade. Zombar dos pobres, dos que precisam de pão, é covardia, é a infamia mais odiosa que se pode praticar.

O OLHO VIVO.

« Quem cala consente... » diziam os antigos; e nós vimo-nos obrigados a confirmar este proverbio com relação aos nossos simpaticos amigos, chefes e auxiliares da *industriosa e providente* associação do—*Olho vivo*,—em vista do silencio com que elles escutam o zom-zum, que por ahi corre a seus respeito, e os affrontosos epithetos com que os mimoseiam a cada instante!.. Será pouca importancia?—Não, porque embora a não ligassem a esses individuos que fallam d'elles, deviam-na ligar ao publico, que sempre escuta, com reserva, os queixumes que perante elle são feitos, e os estigmatiza, muitas vezes, a seu bel—prazer. Ora receberem se affrontas, sem rasão, e vis imputações, e ficar-se silencioso e quedo como bronzea estatua, sem se pedirem estreitas contas a esses calumniadores, quando a lei nos faculta a desaffronta e alguém nos presta, gratuitamente, o seu auxilio, para facilitar o desagravo, obrigam-se os espectadores a um commento pouco favoravel!.. E na verdade o que alguém tem dito a respeito dos membros de essa *illustrada e benefica* companhia, é tudo quanto se póde dizer de mal, vil, e horripilante, como mostramos no nosso primeiro numero d'este jornal; e para clareza, nos propomos, hoje, a commentar alguns casos, que nos contaram, e que alguém diz serem factos verdadeiros; mas em que nós não cremos...

1.º Que têm, diversas vezes, emprestado, a filhos familias, quantias avultadas, com juro exorbitante, e tendo por titulo obrigativo uma letra, que, reformada todos os annos, successivamente, com um augmento gigantesco, toma taes proporções, que chegada a epocha do seu pagamento, estão os juros capitalizados de tal fórma que a divida monta ao decuplo da primitiva. O joven inexperiente e falto de dinheiro, para despezas muitas vezes desnecessarias, e de que não quer

fazer conceder sua familia, firma o titulo que lhe exigirem para a alcançar; e depois, não tendo meios para o satisfazer, deixam-se sobrecarregar e crescer rapidamente a divida, para obter novo prazo e assim evitar que seus paes o saibam!.. Um dia, porém, chega, em que o pae quer fazer entrega a seu filho dos bens, que conservou, desonerados á custa de privações, trabalhos suores e fadigas, e que encontra?! Milhares de individuos que, semelhantes a milhafres lançados persurosos sobre o cadaver d'um desgraçado, disputando entre si o maior quinhão, exigem o pagamento de seus creditos, apresentando os titulos, na apparencia legais, mas que realmente o não são, porque a divida, na maior parte, não é verdadeira; mas o remedio é pagar: e assim vê, a olhos fechados, o pobre pae ser-lhe roubado o que tanto lhe custou a adquirir, e do que elle julgava ter o pão quotidiano para o seu sustento e de seu filho!!..

(Continúa).

CORRESPONDENCIA

Porto, 30 de setembro de 1872.

Li, por acaso, o que, com relação ao jornal, que v. redigem—*O Liberal*—diz um papelejo, denominado—*Novidades*—escrevellido por um tal doutor, em horas de insomnias, provavelmente, e que, em despeito dos jornaes d'essa cidade, ali se publica. Segundo o meu fraco intender, o tal doutor ou é pouco delicado ou ton-teja. No primeiro caso, recomendo-lhe, por caridade, a leitura de qual-quer folheto de civilidade, para a aquisição do qual basta que economi-se os proventos de 4 numeros do seu papelucho; e, no segundo, como é mais sério, pedimos a quem compete que providencie, como as leis vigentes ordenam em taes casos...

Que um homem tenha esta ou aquella convicção politica, este ou aquelle modo de pensar, tolera-se, com tanto que seja moderado e não abuse da liberdade que as leis constitucionaes lhe concedem; mas que seja esturra-do, insolente, e immoderado, isso é intoleravel e condemnatorio. O tal doutor é um homem já maduro, e as suas cáas infundiriam mais respeito, não só aos seus correligionarios, mas tambem aos contrarios, se o seu procedimento fosse mais regular e sensato, e se os seus escriptos publicos não dessem a conhecer evidentemente o seu rancor repugnante e exaltado ao rei e a todos os liberaes, a quem deve mil finezas.

Não deve um homem que se diz Catholico-Apostolico-Romano, conservar odios e rancores entranhados a pessoa nenhuma, nem desejar mal ao seu maior inimigo, coisas diametralmente oppostas ás doutrinas do Martyr do Golgotha, que perdoou na cruz os que o maltrataram.

Falla o tal doutor em Deus, no céu, nos santos, em virtudes, e deseja vingar-se d'aquelles que são adeptos de uma esplendrosa idéa!

Transcreve com grande prazer nas suas—*Novidades*—as noticias dadas em ornaes carlistas, com relação aos combates travados entre os facciosos e as tropas fieis ao rei e á patria, terminando-as com pontos de admiração, e expressão de infunda alegria, quando elata a morte dos soldados fieis, quer em campo raso quer em ciladas trai- coiramente urdidas. Elogia os facciosos, sobretudo quando sacerdo- es, despindo as vestes sagradas e ondo de parte o Breviario, vão, ar- nados de trabuco, incitar á sedicção o ovo, que estupidamente os cre. Em

vez de ensinarem as doutrinas do Evangelho, promovem revoltas contra a dynastia reinante.

É falla em Deus um homem d'estes, persuadido que não o conhecem os habitantes d'essa augusta cidade! Que digam quem elle é essas diversas terras onde, como ave d'arribação, elle tem pairado!... Que o digam aquelles que, por infelicidade, téem sido seus clientes!... Que o diga a sua carta, que já não tem margem para lançar-se nota de registo!... Que o diga o seu proprio protector!... E que o digam emfim, todos quantos téem lido os seus artigos!... Que seja mais prudente e comedido, e não offenda e insulte, aquelles que lhe estendem mão generosa, e que algumas vezes téem dó do seu estado!... E lembre-se que as vociferações e ameaças não intimidam os liberaes, e só provocam a irrisão... e a piedade!...

Amigos, quando o doutor lhes disser, que v. pretendem unicamente que o seu jornal se sustente por um trimestre, perguntem-lhe quem é que lhe sustenta o seu papelucho ridiculo—*Novidades*—a razão porque se sustenta, e como se sustenta? E digam-lhe tambem que enquanto elle vende os seus escriptos por dinheiro, v. téem a compensação do amor da Liberdade.

X.

COMMUNICADO.

Snr. Redactor.

Tendo eu enviado a inclusa carta ao redactor da «Crença Liberal», para a fazer ali publicar, até hoje o não fez, e por isso pesso-lhe a fineza de lhe dar publicidade no seu acreditado jornal—*O Liberal*—, pelo que se confessará immensamente grato, o de

V. etc.

Braga 8 d'outubro de 1872.

Manoel Joaquim Antunes.

Illm.º Snr.

Quer v. s.º saber por quem eu tenho sido mandado zurzir no seu jornal, que tem pago a quem escreve, ao seu correspondente, e os numeros de jornaes para serem distribuidos gratuitamente? E' o chefe da companhia do olho vivo d'esta cidade. E porque? Porque eu, na junta geral de irmãos que se fez nos Congregados em 19 de setembro, disse que sabia que trabalhava contra a minha oppinião, a companhia do olho vivo!!! Ao que o estúpido malvado, respondeu logo que as minhas expressões se dirigiam a elle, enterrando assim a carapuça até ao pescoço.

Saiba isto com certeza, e ajuize como entender, podendo fazer o uso que quizer d'esta carta, por que tenho boas provas.

De mim póde dizer o que quizer, porque nunca me despreziará. É verdade que minha mulher, requereu e obteve, sentença de separação contra mim, em 1855, cujo processo correu pelo juizo de direito d'esta comarca, e cartorio do escrivão José de Faria Machado; depois da separação cada um tratou da sua vida como entendeu. E se ella está feliz ou infeliz, eu com isso nada tenho nem me importa, porque foi ella quem requereu a separação judicial.

Tambem é verdade que, logo depois da separação, me encostei a uma familia, com quem vivo desde 1856; mas ninguém tem direito de dizer que eu vivo em mancebia, e muito menos pela imprensa.

Sou um procurador nos auditorios

d'esta cidade, onde vivo com muito bons creditos, e felizmente tiro, pelo meu trabalho honroso, os meios de subsistencia.

Repito, ajuize como entender, e diga o que quizer.

O que é muito para sentir é o Manoel Francisco, não ter onde caía morto, e seja aqui o seu correspondente.

Braga, rua de S. Vicente n.º 10—2 d'outubro de 1872.

De v. s.º respeitador,

Manoel Joaquim Antunes.

NOTICIARIO.

Como não lançamos o *Liberal* na arena da publicidade, para estarmos constantemente a publicar declarações que não teem, a nosso ver, fundamento algum, declaramos ao snr. Alfredo Campos que, por motivos que em extremo respeitamos, não publicamos a declaração de s. s.º

Lamentando profundamente que o distincto e elegante escriptor se visse obrigado a proceder assim para com-nosco, só porque algum descobridor de subterraneos em segundos andares lhe fallasse, com algum desabono, das nossas humildes pessoas, não podemos contudo, repetimos ainda, publicar a sua declaração.

Os redactores do *Liberal*, como se não envergonharam ainda dos artigos que se teem publicado n'elle, aqui deixam as iniciaes dos seus nomes: C. V. — N. A. S. — e G. B.; declarando que os mesmos artigos são seus proprios, e não d'alguma outra pessoa, á excepção do artigo — Os parochos d'esta cidade e a epidemia das hexigas — que nos enviou um nosso talentoso amigo, que tem a modestia de se encobrir sob o pseudonimo de F.; e do artigo sobre a pena de morte, que é do nosso amigo o distincto advogado R. Capella.

Com esta declaração semi-pedantesca, pelo menos na apparencia, devem de ficar tranquilos os motivos que interessam o snr. Alfredo Campos.

Agora pedimos desculpa ao snr. Alfredo se por ventura encontrar, em o nosso proceder, tenuissima sombra de offensa; podemos, contudo, afirmar ao mavioso poeta que tal não foi nosso intuito, porque o consideramos sempre como um moço delicado e de excellentes qualidades.

Emprazamos o illm.º snr. Alberto Estanislau de Barros para nos responder, cathorica e terminantemente, ao seguinte:

E' ou não verdade o ter s. s.º mandado imprimir umas 100 cartas, com a sua assignatura, para serem enviadas aos assignantes do *Operario*?

Foi ou não s. s.º que, voluntariamente, offereceu essas assignaturas ao *Liberal*?

Esperamos, confiados na immensissima delicadeza do sympathico escriptor, que responderá como deve ou entender.

Houve domingo preterito, no terceiro da casa das Hortas que fica ao fundo da rua da Boavista, o costume exercicio da companhia dos bombeiros, d'esta cidade.

E' para estranhar que a camara prohibisse a entrada das pessoas, que desejavam assistir áquelle exercicio, por isso que, aquelle acto, é meramente publico.

Esperamos da illustração da camara, que mudará de resolução.

O nosso amigo o illm.º snr. Miguel Trindade, intelligente empregado que foi d'uma das repartições do governo civil, falleceu segunda feira pelas 11 horas da manhã, victima da terrivel epidemia da variola.

Sentimos profundamente a perda d'este cavalheiro, que reunia em si todas as boas qualidades, sendo por isso querido de grande numero de respeitaveis pessoas d'esta cidade, que continuamente lhe manifestavam demonstrações d'affecto e sympathia.

O finado achava-se ha quinze dias luctando com a alludida molestia. A sua inconsolavel esposa dirigimos os nossos sentimentos.

Ao nosso illustrado collega do — *Campeão Liberal* —, periodico anti-governamental de Lisboa, agradecemos, com palaciana cortezania, os pomposos encomios que tece aos nossos raros talentos, e os mimosos e delicados epithetos que a respeito do artigo — *A opposição* — publicado no n.º 2 da nossa folha, dirige ao seu auctor.

Barões já nós somos; mas se o collega tanto deseja que o auctor do suppro artigo seja agraciado, peça título menos malbaratado. Ou tudo ou nada!

Vimo-nos de longe a longe, mas se algum dia nos encontramos e podermos, creia o amigo que o cumprimentaremos com a urbanidade e polidez de galhardos cavalheiros.

Já que, por causa da distancia que nos separa, não podemos apertar-lhes as mãos em testemunho de amizade, enviamos-lhes os nossos adeuses até occasião oportuna.

Pede-se á exm.ª camara, que dê as necessarias providencias, para que haja mais limpeza na rua dos Chãos, e mais cautella com as agoas imundas que são lançadas no aqueducto, que está no principio da rua; pois todas as noites exhala um cheiro pestilento.

Por achar-se já impressa a quarta pagina do *Liberal*, publicamos o seguinte annuncio n'este lugar que, na verdade, é pouco proprio.

ARREMATACÃO.

Por este juizo e cartorio do escrivão José Luiz d'Oliveira Pessa, tem de andar em praça, para serem arrendadas pelo maior laço que fôr offerecido os bens pertencentes ao auzente José Joaquim, que lhe tocaram no inventario a que se procedeu por fallecimento de seus paes João Carvalho, sapateiro, e mulher Maria Benta, amadores que foram na rua do Souto, d'esta cidade; cujos bens são os seguintes:

Uma morada de casas sobradadas, casa de palheiro e eido lavradio, sito no logar da Capella, freguezia de S. Pedro de Lomar, d'esta comarca, parte foreira á casa dos Biscainhos, e parte a João Baptista Martins da Cruz; produz pão e vinho, sendo o total rendimento a quantia de 633800 réis; e tem um engenho de regar.

Uma morada de casas sobradadas de natureza de praso, sitas na rua do Souto, d'esta cidade, com os n.ºs 19 e 19 A, sendo o seu rendimento annual 333000 reis.

Quem pertender arrendar o ditos bens pode comparecer no largo do Paço, no dia 13 do mez corrente, pelas 10 horas da manhã.

Como procurador,

Manoel Joaquim Antunes. (17)

VARIEDADES.

TOPAZIO

Era no mar Vermelho que se encontrava esta formosissima pedra preciosa, que tira o seu nome do grego *topazos*, ilha do mesmo mar. E' composta de silico e allumina, unidas ao fluvem d'alluminium.

E' gemma e vitrosa, brilhante e, d'ordinario, d'um lindo amarello doirado; outras vezes é roseada ou um pouco azul.

O topazio, que tiver a tintura pouco constante e que, mettido n'um cadinha cheio de cinza, for sujeito a uma temperatura graduada, perde a cor amarella e toma outra de rosa.

O topazio era a segunda pedra da primeira jerarchia do *rational* do grã sacerdote dos judeus: gravava-se n'elle o nome da tribu de Semeão.

Os antigos olhavam esta pedra preciosa como utilissima contra a epilepsia e a melancolia.

AGRADECIMENTOS

Germano Joaquim Barreto, sumamente penhorado para com os illm.^{os} e exm.^{os} snrs. e revd.^{os} sacerdotes que o cumprimentaram pela occasião do fallecimento de sua prezada filha Maria da Graça Barreto, e assistiram ao seu funeral na igreja do Carmo, a todos e a cada um em particular, protesta o mais intimo reconhecimento. (8)

ANNUNCIOS.

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão-ajudante João Marcos d'Araujo Ribeiro, teem d'andar em praça, novamente, com o abatimento da quarta parte, no dia 13 do mez corrente, pelas 10 horas da manhã, os moveis, rendimentos, presentes e futuros, e fructos pendentes, penhorados a Domingos Pereira, jornalista, da freguezia de Gualtar, d'esta comarca, na execução que lhe promove a Fazenda Nacional; a saber:

Uma caixa de pinho, pequena, com chave e fechadura, avaliada em 340 rs.

Os rendimentos presentes e futuros d'uma casa e eido juncto, de terra lavradia, sita no logar da Lage, freguezia de Gualtar, avaliada em 4000 rs.

Os rendimentos presentes e futuros do campo das Ressadas, sito na predita freguezia; produz pão e vinho, e foi avaliado em 11\$200 rs.

Os fructos pendentes d'este campo, que foram avaliados, em 402,975 litros (25 alqueires) de pão — 10\$000 rs. e 47,400 litros (2 almudes) de vinho, 1\$200 rs.

Os preditos rendimentos serão arrematados pelos annos que precisos forem para o completo pagamento da execução; e quem n'elles quizer lançar pôde comparecer no largo da Paço, no dito dia e hora.

O solicitador,

Manoel Joaquim Antunes. (12)

Arrematação de casa.

Pelo juizo de direito d'esta comarca de Braga, e cartorio do escrivão Faria, á porta do tribunal da justiça, aonde se costumam fazer as arrematações, se tem de proceder, no dia 20 do corrente ás 10 horas da manhã, á arrematação d'uma morada de casas

sobradadas, com seu quintal e poço com o n.º 12, sita na rua das Palhotas, d'esta cidade, foreira ao dominio directo ao revd.º cabido, e no emphiteuta aos herdeiros do visconde de Lagoa, avaliada livre de todos os encargos, na quantia de 231\$400 rs.

Vão ser arrematadas pela execução que Antonio Joaquim Pereira da Silva, promove contra Isabel Maria Fernandes da Silva, viuva, e seus filhos, d'esta mesma.

O solicitador,

Antonio Pinto da Cunha Barboza. (13)

Arrematação.

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão-ajudante João Marcos d'Araujo Ribeiro, teem d'andar, novamente, em praça, com o abatimento da quarta parte, no dia 13 do mez corrente, pelas 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial, no largo do Paço, os rendimentos presentes e futuros das propriedades seguintes:

O praso denominado de Villar, sito na freguezia da Morreira, d'esta comarca, que se compõe de diversas propriedades, a saber: — Duas moradas de casas, cujo rendimento annual foi avaliado, livre de ratificações, em 5\$000 rs.

O eido e campo do Cortelho, ditos de Sobre-cancellia, da Senra, da Vinha, de Outouriz, e Sobrecello, de cujas propriedades foi avaliado o rendimento annual em 214,775^m (125 rasas) de pão, e este em 50\$000 rs. e de vinho em 189,600^m (oito almudes) e este em 4\$800 rs.

Uma bouça, um pedaço de tojal em Outouriz, e uma leira no monte, foi avaliado o seu rendimento annual em seis carros de matto, e estes em 3\$000 rs.

Estes bens e rendimentos foram penhorados a José Antonio Pereira Braga, mulher e filha, d'esta cidade, em execução, que pelo predito cartorio lhes promove João Maria de Souza Machado, proprietario, d'esta mesma.

O solicitador,

Paulino Evaristo da Rocha. (14)

Acção de separação.

Luiza de Carvalho Mattos d'Oliveira, d'esta cidade, requereu par acção judicial a separação de seu marido Antonio da Silva Araujo, d'esta mesma, a qual pende n'este juizo e cartorio do escrivão Pessa; o que se faz publico na conformidade do art. 1225 do Cod. Civ. Port.

O procurador,

Antonio José Borges. (15)

Officina de esteiras

Rua do Souto n.º 33.

Antonio Marques dos Sanctos, continúa fazendo esteiras para sallas, quartos, igrejas e altares, bem como costura ou pés de cama lizas e bordadas em gosto moderno, eguaes ás das fabricas de Lisboa e Porto: sendo de diversos preços e todos muito commodos.

Tambem faz concertos. (16)

CAFE' AGUIA D'OURO.

No proximo domingo abre-se o novo café—AGUIA D'OURO, sito na esquina da rua das Aguas. O pu-

blico encontrará n'este novo estabelecimento varias bebidas e todas de excellentes qualidades. (10)

O proprietario do Café — AGUIA D'OURO — tem para vender um bilhar, mezas, e varios objectos pertencentes a botequim.

Quem quizer comprar alguns d'estes objectos pôde dirigir-se a casa do mesmo, na rua das Aguas. (11)

LIVRARIA DE EUGENIO CHARDRON

Largo de S. Francisco n.º 4 — Braga.

Encontra-se á venda na dita livraria todos os compendios adoptados no lyceu nacional de Braga, bem como todas as novas publicações. (9)

LECCIONAMENTO DE FRANCEZ.

João José Alves d'Araujo, morador na rua das Agoas, n.º 102, achando se habilitado pela sua longa estada em França e assiduo estudo, para leccionar francez, annuncia que, por modico estipendio mensal, começará o seu leccionamento no dia 1.º d'Outubro, promettendo desde já habilitar sufficientemente os seus leccionados para o exame final. (7)



Arrenda-se parte da casa do campo de D. Luiz, n.º 37; quem a pertender, falle na mesma com Joaquim José Gonçalves Loureiro. (6)

ARMAZEM DE VINHOS DO ALTO DOURO

DA CASA DE VILLA POUCA.

Rua do Souto n.º 15. BRAGA.

Acaba de ser sortido este armazem com as seguintes qualidades de vinhos engarrafados e aquartilhados:

ENGARRAFADOS	
Vinho tinto de meza	150
» » »	190
» Lagrima	200
» Branco de meza	210
» tinto de meza fino	270
» de prova secca	300
» Malvasia de 2. ^a	360
» » velho	400
» Bastardo	500
» Moscatel	500
» Malvasia	500
» Roncão	700
» Alvaralhão	560
» Velho de 1854	600

A RETALHO

Vinho para meza 40 e 80, o quartilho tinto e 120 o branco.

Responde-se e garante-se a pureza e boa qualidade de todos estes vinhos, podendo todo e qualquer consumidor mandal-o experimentar por meio de qualquer processo chymico.

N'estes preços não fica incluido o valor da garrafa que o comprador apresentará ou pagará 40 reis por cada uma. (8)

Este jornal está habilitado.

BRAGA: — Typ. de D. G. Gouvea.

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

EUGENIO CHARDRON

LARGO DE S. FRANCISCO-BRAGA.

PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS

Dias Ferreira—Codigo Civil Portuguez, annotado, 2 vol., 8.º 4\$00

Ribeiro e Vilhena—O Caso Julgado e os documentos particulares segundo o Codigo Civil, 1 vol. 600

Forjaz—Projecto do Codigo de Commercio, 1 vol. 800

Inocencio de S. Duarte—Arestos—As nullidades do Processo, 1 vol. 1\$000

O Guarda Livros Portucense, 1 vol 800

Lapa—Technologia rural, 3 vol. 3\$700

O Cosinheiro dos Cosinheiros, 1 v. 1\$000

Almanak do Cosinheiro—1 vol. 240

Pontos para o curso de portuguez, segundo o programma official. 240

Carvalho—Geographia Portugueza, 2.^a edição, 3 vol. em f.º 4\$000

Pinheiro Chagas—Historia de Portugal, 7 vol. 7\$000

A Conspiração de Pernambuco. 500

Smith—Memorias do Marquez de Pombal, traduzidas por Fonseca e Castro, 1 volume. 1\$200

Brito Aranha—Memorias historico-estaticas. 700

Vasconcellos—Os Musicos Portuguezes, 2 volumes. 2\$400

Freitas Junior—A Revolução Social 300

Candido de Figueiredo—A Liberdade de Industria. 300

O Municipio e a Descentralisação. 200

Villas Boas—Os Papas dos tempos modernos. 600

Barão d'Helbach—A verdadeira interpretação do systema da natureza. 300

Padre...—O Confessor. 500

Marquez—Certeza do fim proximo do mundo. 200

Eurique—Vozes propheticas ou apparicoes e predicoes. 25

Palestras Familiares sobre o protestantismo de hoje em defeza do catholicismo. 20

Cezar Machado—Da loucura e das manias em Portugal. 50

Quadro do campo e da cidade. 50

Camillo C. Branco—O Inferno. 50

Quatro horas innocentes. 50

Magalhães Lima—Miniaturas romanticas, 1 volume. 50

E. P. de Almeida—Olympia. 40

Bamalho Ortigão—Em Pariz. 50

Luiz d'Araujo—Novo Almocreve de Petas, 2 volumes. 1\$00

Fernandez, Historia dos sete morcegos 60

Ponson du Terrail—O grilo do moinho. 40

Lobato—Os Fidalgos do Coração de Ouro 2 volumes. 40

Alberto Estanislau—A Condemnada drama. 24

Alfredo Campos—Um Livro Intimo. 20

A felicidade pela familia. 10

João de Deus—Ramo de flôres. 30

Tito de Noronha—Passeios e digressões. 40

Belot e Dantim—Memorias de um caixa ro ou um drama da vida commercial. 60

F. Soulié—Os dous cadaveres. 50

D. Antonio da Costa—José de Castlho o heroe do Mondego. 60

Arnaldo Gama—O Balio de Leça. 50

Reynolds, Dramas de Londres, 8 v. 3\$20

Augusto Cezar—O Engeitado, 1 vol. 30

Encyclopedia litteraria. 30

Satisfaz com brevidade qualquer pedido de livros portuguezes e estrangeiros.